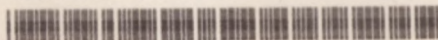


Culto à Ciência, na festa do centenário

O Estado 15.10.72

CULTO à Ciência", na festa do centenário. O Estado de São Paulo, São Paulo, 15 out. 1972.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE033171

Da Sucursal de Campinas

É a mais antiga escola secundária do Interior de São Paulo. Há quase 100 anos, mantém a tradição de um elevado padrão de ensino — no começo do século seus diplomas davam direito ao ingresso imediato nas faculdades — ao lado de uma rigorosa disciplina. Ali estudaram Santos Dumont, Julio Mesquita, Cesar Bierrembach, Campos Freire, Paulo Decourt, entre outros nomes importantes na história de São Paulo e do Brasil. Hoje, o Colégio Estadual Culto à Ciência, de Campinas, inicia as comemorações do seu centenário, que culminarão a 13 de abril de 1973.

A escola da Sociedade Culto à Ciência — que depois passou a Ginásio do Estado e, finalmente, a Colégio Estadual — foi fundada a 13 de abril de 1873 — essa é a data oficial, que marca o início da construção do prédio. Para a abertura das solenidades, hoje, a direção da escola espera contar com o maior número possível de ex-alunos, para o churrasco. Na ocasião, será anunciado o programa dos festejos.

O atual diretor, Telémaco Paioli Melges, já solicitou à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a emissão de selo comemorativo. Também pediu autorização do governo estadual para levantar a pedra fundamental, que foi lançada sob a soleira da porta principal, colocada numa urna de vidro. Um especialista será contratado para microfilmear toda a documentação da escola, juntar a ela os trabalhos do centenário e tudo ficará guardado com a pedra fundamental. A urna de vidro voltará então para seu lugar, próximo ao obelisco a ser levantado para marcar os 100 anos.

MAÇONARIA

Até recentemente, havia apenas uma única obra contando a história do Colégio — a monografia de Carlos Francisco de Paulo, editada em 1946. Relata que o agricultor Antônio Pompeu de Camargo, apoiado por fazendeiros de café, industriais, comerciantes e alguns acadêmicos, foi o iniciador do movimento para a criação da Sociedade Culto à Ciência. O agricultor teve a seu lado Manuel Ferraz de Campos Sales, que posteriormente chegaria à Presidência da República.

Conta a monografia que o objetivo era a criação de um estabelecimento de ensino primário e secundário para "a educação moral e intelectual". Além disso, a escola secundária impediria a evasão dos jovens da região, que partiam para a Capital em busca do "diploma do científico". Explica ainda que cada membro da Sociedade contribuiu com uma quota inicial de 500 mil réis para compra do terreno e construção do prédio, que foi iniciada a 13 de abril de 1873.

Há alguns meses, durante o Congresso de História realizado em Campinas, esse relato foi enriquecido com a divulgação dos documentos encontrados pelo estudante José Carlos Senredo. Na Loja Maçônica Independência, ele descobriu — ata inaugural e os esta-

tutos da Sociedade Culto à Ciência, assinados a 19 de maio de 1869 por Antonio Pompeu de Camargo, Jorge Miranda, Candido Ferreira Camargo e Manuel Ferraz de Campos Sales. Todos eram grau 33 na maçonaria e elegeram Joaquim Bonifácio do Amaral, Visconde de Indaiatuba, primeiro presidente da Sociedade.

Mas a Prefeitura de Campinas também não dispunha de recursos para sustentar o estabelecimento, e assim propôs que o governo estadual ficasse com o prédio e ali instalasse um ginásio. A 21 de junho de 1894, o então governador Bernardino de Campos autorizou os entendimentos, bem sucedidos: em março de 1896 iniciavam-se as aulas do ginásio estadual.

Desde então, o estabelecimento cresceu normalmente. Em fevereiro de 1901 o Culto à Ciência foi equiparado ao Ginásio Nacional, de forma que seus diplomas passaram a significar acesso direto às escolas superio-

res. No ano seguinte, o escritor Coelho Neto assumiu a cadeira de Literatura e, quatro anos depois, transferiu-se para o Colégio Pedro II, do Rio, "sem prestar exames — conta a monografia de Francisco de Paula — pois a condição de professor do Culto à Ciência qualifica o pretendente". Como seus professores, o colégio teve ainda Ernesto Khulman e o general Francisco Glicério.

Em 1909, matricularam-se as primeiras moças e o ginásio passa a ter 200 alunos. Em abril de 1932, por decreto federal, torna-se o Colégio Estadual Culto à Ciência, sob a direção do professor Anibal Freitas. Este é considerado um dos principais responsáveis pelo prestígio do excelente padrão de ensino e rígida disciplina.

ENSINO LEIGO

Segundo essa história, o Colégio Culto à Ciência nasceu sob a inspiração da filosofia positivista, em meio a crescente campanha de laicização, que visava a separação entre Igreja e Estado e, em consequência, a libertação do ensino da autoridade religiosa.

O próprio nome — Culto à Ciência — indica as intenções dos maçons: proclamar a autonomia da razão, a liberdade de pensamento, de consciência. Esse movimento pela secularização do ensino — até então excessivamente centralizado e dirigido pelas entidades religiosas, rigidamente vinculadas à Coroa — incluía-se assim na luta republicana.

Após o lançamento da pedra fundamental, foi eleita nova diretoria, ainda presidida pelo visconde de Indaiatuba e composta por Americo Brasiliense, Antonio Pompeu de Camargo, Joaquim José Vieira de Carvalho e o arquiteto Guilherme Henrique Krug — este encarregado da construção do prédio. A 12 de janeiro de 1874, Campos Sales dava a aula inaugural do Culto à Ciência.

CRISE

Julio Mesquita integrou a primeira turma de alunos e foi o unico que concluiu

o curso. Os demais transferiram-se para escolas da Capital ou voltaram para suas cidades, antes do diploma. Em 1879, havia 42 alunos, entre os quais Santos Dumont, cuja passagem é registrada brevemente nos anais da escola: "Um dos que obtiveram notas ótimas nos exames de Latim, Inglês e Português e que, mais tarde, tanto glorificou o Brasil". Nessa época, o prestígio do Culto à Ciência já atraía jovens de todo o Interior de São Paulo e de Minas Gerais.

Entretanto, a escola foi fechada em 1889, pouco antes do reinício das aulas, devido à epidemia de febre amarela que atingiu Campinas. Dois anos depois, o colégio foi reaberto, mas passando por dura crise financeira, que não pôde ser superada. A Sociedade Culto à Ciência foi dissolvida e o patrimonio entregue à municipalidade.

Ensino e disciplina

Até 1957 os alunos eram obrigados a comparecer de terno e gravata. Os ex-alunos contam que o professor Benedito Sampaio exigia que "todos soubessem os Lusíadas de cor" e que "levantar a mão para pedir alguma explicação era um gesto ousado". Mas a qualidade do ensino sempre foi incontestável, afirma o atual diretor: até o ano passado, o numero de alunos do Colégio aprovados nos vestibulares sempre foi superior a 70 por cento.

No momento, a escola tem 2.500 alunos, com um corpo docente de 93 professores. Com um ensino moderno, estimula-se a participação dos estudantes em atividades extra-curriculares. Existe, por exemplo, o Banco Estudantil, com depósitos de mais de sete mil cruzeiros. Os estudantes emitem cheques para pagar contas da

cantina, comprar discos, presentes, ao mesmo tempo em que se estimula a poupança.

Há vários cursos paralelos e no setor de Educação Física o Colégio é bicampeão estadual de ginástica de solo. Os próprios alunos formaram a fanfarra, uma das melhores. Segundo a orientadora educacional Celina Duarte Marinho, o rigor da disciplina não foi enfraquecido: "As ocupações extra-classe funcionam como válvulas de escape para o extravasamento natural que caracteriza a juventude de hoje".

A biblioteca — aberta ao publico — possui mais de 11 mil volumes, consultados por 900 alunos, em média mensal. Há algumas raridades, como a obra editada em 1616, na Basileia, *Ambrosii Calipendi Dictionarium Undecimum Linguarum* — um dicionário latim-grego.



O Colégio, hoje, tem 2.500 alunos